

# COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 609

5.º ANNO 1877

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1,600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2,000 rs e sendo duas 3,600 rs.—Semestre 1,050 rs.—Brazil, anno 3,600 rs.—Semestre 1,900 rs. moeda forte, ou 8,500 reis e 4,500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

## BRAGA—QUINTA-FEIRA 1 DE MARÇO

### As Irmãs Hospitaleiras dos Pobres.

Na tarde de terça-feira, 20 do passado fevereiro, deu-se na praça de D. Pedro da cidade do Porto um facto que não faz honra ao «baluarte da liberdade», porque elle significa um attentado contra a liberdade, contra a hospitalidade e contra a caridade.

Os jornaes d'aquella cidade e de fóra d'ella referiram-no por varios modos, em harmonia com as informações recebidas. Não demos logo conhecimento desta occorrença aos leitores, porque quizemos proceder ás averiguações necessarias, como o pede o assumpto.

Historiemos.

A 1 hora e 40 minutos da tarde do dia 20 de fevereiro, partiu desta cidade para a capital, infelizmente com passagem pelo Porto, uma Irmã Hospitaleira dos Pobres, acompanhada de tres camponesas, todas maiores de 21 annos, segundo com direcção á Casa-Mãe, erecta no convento das Trinas de Mocombo em Lisboa. Para a carruagem de 2.ª classe onde eram transportadas, entrou tambem um titular da cidade do Porto, o qual depois de chegado á estação do Pinheiro as seguiu em carro americano até á praça de D. Pedro. Ahi, por motivos sobre os quaes circulam varias versões, algumas bem pouco honrosas, o alludido titular chamou um dos guardas civis e intimou-lhe a detenção d'aquellas senhoras, enquanto elle se dirigia ao snr. commissario da policia.

Este snr.—escreve o insuspeito «Commercio Portuguez»—impressionado talvez pelo exaggerado alvoroço do participante a quem as duas senhoras se alligaram por ventura victimas infelizes do abutre reaccionario, empolgadas ao patrio poder, fez conduzir á sua presença as tres denunciadas, cujo romance, defechando em enorme perigo para as liberdades patrias, o illustre titular fantasiara na estafada carruagem do comboyo, e fóra publicar em edição pouco correcta no commissariado de policia.

As duas senhoras portuguezas declararam, porém, á auctoridade que haviam

já completado a idade legal em que o codigo civil as manda considerar *sui juris*, e que em taes circumstancias não podiam ser estorvadas na sua viagem pelos executores da lei, a cujo abrigo se mantinham.

Não obstante haver estas senhoras respondido que acompanhavam aquella Irmã, de mui espontanea vontade, o snr. commissario mandou-as conduzir para a hospedaria de S. Sebastião, onde ficaram sob vigilancia e guarda da policia, até se proceder a averiguações.

Emquanto á Irmã, como ella não quizesse quebrantar o regulamento interno da sua corporação, onde, se ha pessoas de condição humilde tambem as ha de boa e alta nobreza, o qual regulamento manda guardar silencio sobre o nome e naturalidade, e como além d'isso ignorasse que estava na presença d'um alto funcionario da policia, o snr. commissario mandou-a, segundo nos consta, recolher ao aljube. Mas, ou porque este snr. reconsiderasse, ou porque a sua ordem fosse mal interpretada na execução, o que é certo é que no fim de tres horas, e já de noite, foi aquella senhora removida para uma hospedaria particular de Cima de Villa, e depois d'esta, sob fiança, para uma casa particular.

Logo que a esta cidade chegou noticia do acontecido, seguiu para o Porto uma outra Irmã acompanhando a Superiora, que administra a casa do Asylo de S. José. Chegada alli apresentou-se ao snr. commissario, que a tractou com toda a urbanidade e consideração, porque, segundo alguns jornaes d'aquella cidade referem, ella é senhora de fino tacto e educação, accrescendo a estes dotes a circumstancia de ter viajado muito e tractado com gente e auctoridades nacionaes e estrangeiras.

O snr. commissario quiz que a Irmã reclusa satisfizesse ás suas exigencias, declarando o nome de familia, o que por ordem da Superiora aquella cumpriu, sendo immediatamente posta em liberdade. Igualmente foram entregues as outras senhoras, tendo as informações a que se procedeu certificado que ellas são de maior idade e tem o consentimento das familias.

Este é o facto.

Não tractaremos agora de aquilatar o serviço que o titular-policia acaba de prestar á liberdade. Esta tarefa deixamos a aos jornaes do Porto, alguns dos quaes parecem attribuir a denuncia a um moel que não queremos acreditar.

Como era d'esperar, alguns dos nossos dignos *collegas* da cidade «invicta» não poderam comsigo que não arruinassem os pulmões e os prelos, berrando ás armas em pro da liberdade periclitante. E era indispensavel o espalhatato. Em frente do dador da carta apresentára-se o exicio personificado numa heroína (Irmã hospitaleira), com um arsenal de oitenta bombardas (as contas do rosario) e uma morraca (o seu cordão); além disso ladeavam-na mais tres heroínas, dos pés até aos dentes armadas... com muito bons desejos de fugir ás ciladas do mundo e entregar-se a uma vida toda de sacrificio, em bem da humanidade.

Ora o que nós não podemos comprehender é como—no anno da graça de 1877 e no centro da cidade-baluarte, mesmo nas barbas d'aquella que ha 51 annos nos dizia: «a lei é igual para todos; ninguem pode ser preso sem culpa formada; a pessoa da cidadão é inviolavel; acabou o depotismo», etc. etc.—não podemos comprehender, repetimos, como se prendam assim despoticamente quatro senhoras indefezas; só porque um individuo diz: vêz aquella que alem vae vestida de preto, e que tem o atrevimento de pisar este sagrado recinto da liberdade? é uma lazarista, uma reaccionaria, mulher que ainda tem creanças e virtudes neste excellentissimo tempo: aquellas raparigas que ella conduz vão ser atiradas ás fauces do abutre,—que outra coisa não é o instituto para onde as arrastam. Arranja, pois, uma quasquer *Moranga* que a recolha, e será mais uma.

Custa a crer que haja empregados, a quem nós pagamos para nossa segurança individual, que se prestem, nas circumstancias indicadas, a conduzir presas quatro senhoras, expondo-as aos apupos da gentalha, sempre avida de escandalos. Não menos incrível é o procedimento do snr. commissario, não só approvando esta criminosa exorbitancia dos seus subalternos, mas ainda pelo zelo demasiado que posteriormente mostrou pela liberdade. Se s.

ex.<sup>a</sup> é, como cremos, cavalheiro de brios, por certo que sentirá remorsos do triste papel que lhe coube nesta occorrença.

Se tal modo de proceder começa a ser tido como norma reguladora para as nossas autoridades, aonde irá parar a sociedade portugueza?

Como este desastrado romance passa á historia, vamos agora tentar esclarecer o publico, e especialmente o illustrado jornalismo portuense—aquelle que ainda o ignore—sobre o que são as Irmãs Hospitaleiras dos Pobres.

Todos sabem que com a extincção dos frades, foi tambem votada a extincção das freiras, ainda que por modo menos summario; pois outra coisa não significa a prohibição da entrada e prolição.

Por então ouviamos dizer:—«De que servem as freiras? São arvores parasitas que nunca podem produzir fructos de beneficencia. Se ellas fossem como existem no estrangeiro, onde, especialmente em França, ha muitas congregações para a educação da mocidade e para socorrer a pobresa; onde a Irmã da Caridade assiste nos hospitaes, nas casas particulares, e nas ambulancias...»

Venham as Irmãs da Caridade para substituir as freiras.

A respeito d'estas disia-se:—«Andam pelas ruas; não fazem votos solemnes; podem violar as promessas de união e obediencia, virem para o seculo e casarem.»

Vieram as Irmãs da Caridade para Lisboa e para o Porto, nesta ultima cidade para o hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, o que foi promovido pelo snr. José Gaspar da Graça.

Aquelles mesmos, porém, que, para lançar poeira aos olhos do povo, folgavam com a vinda das Irmãs de Caridade, que lhes traziam ensejo a apoderarem-se dos bens das freiras, logo que ellas vieram reuniram-se em conciliabulo nos antros maçonicos e ahi planearam a sua expulsão, não por ellas, mas porque receiavam que o povo, conhecendo praticamente os beneficios por ellas prestados, se lhes afficçasse.—«Tolle, tolle, crucifige, bradaram: nós não queremos Irmãs da Caridade francezas, queremol-as portuguezas.»

E assim foram obrigadas a voltar pelo

16

## FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

### OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

VII

#### Confissão de amor.

Appareceu uma escrava á porta do quarto.

—O que é?... perguntou Celina.

—O snr. Salustiano; respondeu a escrava.

—Dize-lhe que meu avô e minha tia saíram; respondeu a Bella Orfã.

—Mas que nós descemos já para receber-o; accrescentou Mariquinhas.

—Não!

—Sim! vae: dize-lhe que o vamos já receber.

A escrava desceu.

—Que queres fazer, D. Mariquinhas?..

—Conversar, divertir-me.

—Oh! porém tu me compromettes; es-

te homem é um maldito impertinente...

—Melhor.

—Requesta-me... diz-me loucuras.

—Ótimo.

—Eu o aborreço.

—Por isso mesmo.

—Que queres pois?..

—Rir-me.

—Então entendes que devo...

—Zombar d'elle.

—Como?..

—Como te parecer.

—Mas eu não sei fingir.

—Pois desengana-o; isso tambem me

diverte: ainda não vi como fica o rosto de um desenganado.

—Tu és louca.

—Vamos!

—D. Mariquinhas hei de arrepende-me d'este passo.

—Ao contrario, prevejo que terás de agradecer-m'o: vamos! não te lembras que o snr. Salustiano nos espera?..

Mariquinhas tomou a mão da Bella Orfã e levou-a quasi á força para o andar inferior.

Quando as moças acabavam de descer a escada, correu-se a cortina que tapava a portinha do fundo, por onde se communicavam as camaras de Marianna e de Celina.

Um homem aproximou-se com precau-

ção e cuidado da meza, junto da qual tinham as moças conversado.

A gaveta d'essa meza estava fechada, mas Celina havia-se esquecido de tirar a chave.

O homem abriu a gaveta, tirou d'ella os papeis que continham—a historia do amor da Bella Orfã,—e saiu com tanto cuidado e precaução como entrara.

Esse homem era o velho Rodrigues.

VIII

Ellas e elle.

Entraram as duas moças na sala, e Salustiano, que se tinha recostado a uma janella, voltou-se para recebê-las.

Sentaram-se todos tres.

Era bem de estudar-se a expressão fisionomica de cada uma d'aquellas tres personagens.

Celina, que havia sido trazida quasi á força para a sala, mostrava-se contrafeita e acanhada: sentou-se bem unida a Mariquinhas, cuja mão apertava, como procurando uma defeza.

Salustiano esforçava-se para ostententar a impossibilidade de que se jactava; mas não podia esconder de todo a commoção que sentia na presença da moça que amava; e o quanto o contrariava uma terceira pessoa, que elle não queria encontrar alli n'aquella occasião.

Mariquinhas completava o grupo: no meio dos dous *desapontados* apparecia ri-sosinho, bello e malicioso o rosto da interessante moça: seus olhos vivos e travessos confundiam realmente Salustiano, que, apesar seu, não tinha sarcasmos para suas palavras nem para seus sorrisos.

—Sinto havel-a incommodado... tinha dito Salustiano muito desenhavidamente.

—Oh! Não, não nos incommodou; respondeu Mariquinhas; deu nos ao contrario muito prazer.

—Seria isso possivel?... perguntou o moço, fitando os olhos em Celina.

—Pois ainda duvida?... tornou a primeira.

—Perdão, minha senhora; mas considero tão subida essa feicidade que não me custa acreditar n'ella.

—Ora esta!... eu achava a coisa muito simples!

—Talvez para v. ex.<sup>a</sup>

—Digo mesmo que a sua visita foi um verdadeiro obsequio que v. s.<sup>a</sup> nos fez.

—Lhes fiz? V. ex.<sup>a</sup> falla em nome de mais alguém?... perguntou sorrindo-se o moço.

—Certamente: fallo tambem em nome de minha amiga.

Celina apertou com força a mão de Mariquinhas.

—Ahi! não me apertes a mão, B. Celina!..

mesmo caminho por onde tinham vindo. Se alguma senhora portugueza quer seguir aquelle pio instituto tem de sair para o estrangeiro; porque neste paiz, onde a liberdade se bebe com os ventos, póde associar-se para tudo, menos para fazer bem.

Ultimamente algumas senhoras portuguezas, benemeritas do Christianismo e dignas do nome portuguez, procuraram realisar um nobilissimo pensamento, e para isso organisaram uns estatutos que obtiveram o seguinte

#### Alvará d'approvação:

O secretario geral, servindo de governador civil do districto de Lisboa, etc.

Faço saber aos que este meu Alvará virem, que tendo-me sido presente o projecto de estatutos porque pretende reger-se a associação de beneficencia, denominada «Irmãs hospitaieiras dos pobres pelo amor de Deus», estabelecida nesta capital; conformando-me com o parecer do conselho de districto; e usando da faculdade que me confere o decreto de 22 de outubro de 1868, approvo os referidos estatutos que contem nos quarenta artigos, escriptos em seis meias folhas, competentemente selladas, e authenticadas com a rubrica do chefe da repartição central, servindo de secretario geral d'este governo civil, e fazem parte do presente Alvará, com a expressa clausula de que esta corporação fica sujeita nos termos do direito á fiscalisação administrativa, e de que lhe será retirada esta approvação, logo que se desvie dos fins para que se constitue, ou não cumpra rigorosamente os deveres, que lhe são impostos pelos seus estatutos.

Não pagou imposto de sello, nem direitos de mercê, e emolumentos das secretarias d'estado, por não os dever.

Dado e passado no governo civil de Lisboa, aos 22 de maio de 1874.

Servindo de governador civil e secretario geral.—Henrique da Gama Barros.

A approvação d'estes estatutos é garantia legal da Associação das Irmãs Hospitaieiras dos pobres pelo amor de Deus, tem por fim praticar as obras de caridade seguintes:

1.º Tratar dos enfermos pobres e não pobres tanto nos hospitaes como em suas casas;

2.º Ensinar creanças pobres e pensionistas;

3.º Prestar todos os serviços nas creches legalmente estabelecidas.

Art. 2.º O serviço das Irmãs Hospitaieiras é feito pelo amor de Deus; e se algum as quizer gratificar com esmola,

legado ou herança, deve a Congregação aceitar qualquer d'esses beneficios a favor do inventario, não ficando a Congregação obrigada a encargos além das forças da herança ou legado.

Oh quanto não é bella esta grande obra da Caridade! Está um pobre doente a morrer e desamparado; não tem quem o socorra, e allivie as suas dôres; quem lhe dirija palavras de consolação e conforto, tão necessario para este infeliz. Uma outra pessoa em cujo coração faz ecco a voz deste desgraçado, quer ir socorrer-o, enxugar-lhe as lagrimas, levar-lhe a consolação e o conforto; não tem animo nem geito para isso, ou os seus afazeres lh'o prohibem. Mas tem um meio: chama uma Irmã Hospitaieira, dá-lhe uma esmola, diz-lhe que vá por sua tenção socorrer aquelle desventurado, valer-lhe, se póde, á sua existencia, e, quando assim o não possa, valer-lhe á alma, assistir-lhe nos ultimos momentos. A Irmã corre, vã, acode ao enfermo, recebe d'elle os miasmas e não raras vezes os sarcasmos:— tudo soffre pelo amor de Deus, e com os olhos no céu volta contente da sua obra.

Isto que dizemos não é mera ficção poetica; já fomos testemunhas oculares destes rasgos de abnegação.

Agora, portuenses, especialmente nossos collegas no jornalismo, se d'entre vós ha um só tão desnaturado, tão barbaro e tão cruel que não tenha alma de dar uma esmola a um desgraçado, ou aquelles que o vão socorrer; que não goste das instituições de caridade, porque lhe cheira a caridade; que esse ao menos deixe que os outros pratiquem o bem; que esse deixe de incitar as turbas contra essas instituições d'onde lhe não resulta mal algum.

Não receeis que a liberdade e as instituições vigentes periguem, porque uma fraca mulher atravessa a rua levando socorros a um enfermo que lucha com a miseria, com o abandono e com a morte!

A benção do Senhor tem feito em menos de tres annos prosperar prodigiosamente esta santa obra, como com satisfação passamos a mostrar pela seguinte indicação das casas onde se acham estabelecidas as Irmãs Hospitaieiras:

Lisboa—Convento das Trinas do Mocalmo, Casa-Mãe e Collegio—S. Patricio, hospicio das Irmãs enfermeiras—Crèche de Santa Maria.

Belem—Hospicio das Irmãs enfermeiras.

Bemfica—Collegio de educação de creanças e hospicio de Irmãs enfermeiras.

Campo Grande—Crèche de S. João Baptista.

Varatojo — Collegio de educação de creanças e hospicio de Irmãs enfermeiras.

Benedicta — Collegio de educação de creanças e hospicio de Irmãs enfermeiras.

Penafiel—Hospital da Misericordia.

Guimarães—Hospital da Misericordia e Asilo d'invalidos.

Braga—Hospital de S. Marcos—Hospital de Santa Cruz—Asilo de invalidos de S. José — Collegio de Santa Margarida, casa de educação para meninas pobres, sendo o seu n.º cerca de 50, e hospicio de Irmãs enfermeiras.

Barcellos—Hospital da Misericordia. Estão pedidas e prometidas mais Irmãs para o districto de Vianna e para o Algarve.

E' uma vergonha para a cidade do Porto, onde ha tanto esplendor e filantropia, que não só não possua uma casa de Irmãs Hospitaieiras, propriamente ditas, mas que no seu seio se prendam e apupem aquellas que são forçadas a passar por ella. Oxalá que em breve vejamos concluida a ponte para o caminho de ferro, afim de que estas dignas senhoras, quando tenham de seguir viagem para o norte, ou vice-versa, não se vejam na necessidade de se exporem a scenas como a que acima referimos.

Vejamos agora o que dizem os estatutos acerca das admissões:

Art. 3.º Nesta Congregação pódem ser admittidas todas as pessoas do sexo feminino de quinze até trinta e cinco annos, e que sejam saudaveis, visto que a vida a que se dedicam é de muito trabalho.

Art. 9.º A admissão das menores deve ser precedida de licença de seus paes ou tutores; e ás mulheres casadas será exigida auctorisação escripta de seus maridos.

Art. 10.º As Irmãs Hospitaieiras, tres mezes depois da sua admissão devem usar do vestuario proprio da Congregação, emquanto a ella quizerem pertencer, sendo:—vestido preto, toucado branco, e mantilha preta.

Como se vê do artigo 9.º está providenciado o caso de admissão das menores e das casadas, que só serão aceites com a licença e auctorisação respectivas. Abramos um parenthesis:

Entendemos que nem os chefes de policia, nem os administradores, tem direito de impedir o livre transitio de qualquer, quando não esteja indiciado n'algum crime. Se isto é uma verdade, é certo que o snr. commissario da policia do Porto procedeu muito impensadamente, e muito illegalmente No tocante á verificação da idade legal, tambem nos parece que aquelle snr. exorbitou, porque essa verificação deve ser feita onde existir a Casa-Mãe, —em Lisboa. Alli é que a autoridade, requerida competentemente, e nunca por denuncia de terceiro, tem a deferir a reclamação, e proceder ás averiguações precisas.

Continuemos.

Mui de proposito sублиnhamos as palavras «emquanto a ella quizerem pertencer», das quaes se vê que a entrada e permanencia na associação é voluntaria, que não se ligam a voto, que podem ser despedidas ou ellas mesmas sairem quando lhes aprouver, que podem casar, etc.

O instituto religioso que adoptaram é o dos Terceiros franciscanos, motivo porque

usam de cordão,—instituto ao qual podem pertencer senhoras solteiras, casadas, ou viúvas, tanto em congregação como isoladamente.

Transcrevamos os artigos 29.º e 30.º:

Art. 29.º As mestras de educação devem ter as habilitações exigidas pelas leis, e ensinarão pelos metodos e livros mandados adoptar pelo governo.

Art. 30.º As Irmãs que forem nomeadas para mestras das Irmãs novas, devem ser ornadas de muita mansidão, zelo e conhecimento bem sabido da vida interna e externa d'uma verdadeira hospitaieira, afim de que possa formar o melhor possível os corações de suas discipulas para uma vida de tanta abnegação, incommodo e soffrimento, mostrando bem ás suas discipulas quanto importa em primeiro lugar ter uma verdadeira caridade e obediencia, afim de caminharem cheias de santa alegria a tratar dos doentes, sejam as enfermidades quaes forem, contagiosas e não contagiosas; e mesmo para a guerra se esta desgraça se der em seus dias; fallando-lhes com franqueza, para que já mais possam allejar que as enganaram.

Por estes artigos se vê que a educação litteraria é a alli dada pelos compendios mandados adoptar pelo governo; e que as mestras devem declarar franca-mente ás novas associadas quaes os rigorosos deveres que se impõem, entrando para esta associação.

Vê-se, do que deixamos exposto, que as Irmãs Hospitaieiras são as inimigas perigosissimas da liberdade. Pois não são, luctadores?

Terminamos, por hoje.

## GAZETILHA

**Lausperenne.**—Expõe-se amanhã na igreja do Collegio das Ursulinas.

**Homem desaparecido.**—Em a noite de 24 para 25 de fevereiro passado desapareceu de sua casa de Tadin e Fradellos, (onde ha uma estação do caminho de ferro) n'este concelho de Braga, o lavrador Gaspar da Costa, solteiro, de 50) e tantos annos—altura regular, um tanto corcovado, tendo no rosto sulcos e bexigas.

Presume-se que deu este passo em virtude de alienação mental; poisque nem dinheiro nem roupa levou.

Pedimos aos nossos collegas que, por caridade, deem esta noticia; e ás auctoridades, que tiverem conhecimento do lugar onde exista o pobre homem, que o façam transportar para a referida freguezia, pois a familia do mesmo pagará as despesas.

No caso de não poder ser transportado, pede-se o favor de assim o fazerem constar ao snr. administrador do concelho de Braga, ou ao revd.º abbade da freguezia de Tadin, para se darem as providencias necessarias.

**Circo equestre.**—No proximo domingo faz o seu beneficio, no circo eques-

—Ora, D. Mariquinhas, você está sempre brincando!

—Mas, como eu dizia, v. s.ª nos fez um verdadeiro obsequio apparecendo aqui.

—Bem... supponhamos que v. ex.ª não está apenas dizendo palavras muito lisongeiras; supponhamos que eu tenho a vaidade de acreditar que fiz um verdadeiro obsequio a v. ex.ª apparecendo aqui; devo porventura concluir que eu era esperado e desejado?..

Mariquinhas pensou um momento: sorriu-lhe a malicia nos labios e depois respondeu:

—Esta D. Celina compromette as amigas terrivelmente! é capaz de conservar-se em silencio um dia inteiro!

—Tenha v. ex.ª a bondade de responder por ella.

—Pois bem: digo que não era positivamente v. s.ª quem desejavamos ver.

—Eis ahí o que eu não comprehendo.

—Queríamos a presença de um de certos cavalheiros, e v. s.ª serve-nos a mil maravilhas.

—Posso saber para que?..

—Para um estudo particular.

—Ora!... eis me comprehendendo ainda menos do que ainda ha pouco.

—Trata-se de um segredo de moças.

—Bem... não perguntarei mais nada.

—Oh! pelo contrario, pergunte: eu sou como as outras; quando tenho um

segredo sou louca por contal-o a todos; na alma de nós outras, um pensamento, que se não deve revelar não é um segredo; é um martirio.

—Então, o que é segredo?

—Para as moças?..

—Sim; minha senhora, o que é um segredo para as moças?..

—E' uma coisa que se diz baixinho aos ouvidos de quasi todos.

—Pois n'esse caso, minha senhora, pesso a v. ex.ª que, se me julgar digno d'isso, me diga o seu segredo, ainda que seja baixinho.

—Oh! este póde-se contar em voz alta.

—Se portanto me soppõe digno...

—Sem duvida que o julgo; até v. s.ª nos ha de servir de muito.

—Estou á espera, minha senhora.

—Trata-se de um romance...

—De um romance?!!

—Sim, de um romance, que D. Celina e eu estamos compondo.

—Parabens, minhas senhoras; mas eu não sei. v. ex.ª querem porventura um terceiro collaborador?..

—Qual?..

—Eu, v. ex.ª tinha fallado em mim.

—Deus nos livre: perderiamos a gloria de auctoras.

—Porque?

—Os senhores homens custam muito

a julgar-nos capazes de escrever; e portanto era v. s.ª quem ganharia todas as honras da obra.

—Mas esse romance...

—E' uma historia de todos os dias e de todos os salões.

—Já está completo?..

—A invenção completamos hoje; mas a execução nos está dando muito que fazer.

—O que falta?

—Quasi tudo; atrapalha-nos grandemente uma das principaes personagens.

—Porque?

—Pela dificuldade de descrevel-a; mas v. s.ª chegou muito a tempo.

—E então?

—Então é que enquanto nós conversamos D. Celina vae tomando nota.

—N'esse caso, eu...

—V. s.ª ou outro qualquer... v. s.ª é como quasi todos...

—Obrigado, minha senhora.

—Cortou-me a palavra, não tem que agradecer-me; pois não sabe o que eu ia dizer.

—Adivinhei.

—Dou-lhe parabens; veja se adivinha tambem o nosso romance.

—Não chego a tanto, minha senhora.

—Quer que lhe tracemos o esqueleto da nossa obra?..

—Terei muito prazer em ouvir a v. ex.ª

—Não poderá fazer uma justa ideia do que será, pela falta dos episodios e dos dialogos.

—Oh! mas eu comprehendo, o que poderá fazer uma penna manejada por quem deve á natureza tanto espirito como v. ex.ª

—Agradecida.

—Creia v. ex.ª que faz um relevante serviço a tão atrazada litteratura do paiz.

—Muito agradecida: respondeu Mariquinhas rindo-se, e sem dar mostras de doer-se da ironia com que Salustiano tentava feril-a.

—Era uma necessidade que desde muito palpitava, tornou Salustiano; o ceo devia ao Brasil uma Stael, uma George Sand.

—Mil vezes agradecida; mas então v. s.ª não quer ouvir o nosso romance?

—Estou prompto minha senhora.

—Trata-se de amor.

—Eu o previa.

—E' uma joven senhora de cabellos castanhos quasi pretos, olhos de safira, labios de coral, rosto pallido, emfim uma joven senhora bella e muito parecida com D. Celina...

—D. Mariquinhas, basta!... Isso é quasi de mais!—disse a Bella Orfã.

tre na cerca dos Congregados o director da companhia que alli tem funcionado, Antonio Leandro.

O beneficiado offerece aos concorrentes tres premios, a que lhes dará direito o simples bilhete de admissão.

**Fallecimento.**—Deu-se hontem á sepultura o cadaver do sr. tenente coronel A. A. de Sousa. O finado teve as honras militares do estylo.

**O trabalho d'um typografo.**—Eis um calculo curioso e interessante: um bom typografo póde compor por dia 24:000 letras. A distancia que percorre com a mão, é, termo medio, de um pé por letra para a tirar da caixa e outro para a collocar no componedor. A distancia percorrida, pois, pelo typografo é de 48:000 pés por dia, ou 16 kilometros, e em todo o anno, exceptuando os domingos, faz 5:000 kilometros ou 1:000 leguas.

**Ponte.**—Foi approvedo o projecto definitivo da nova ponte sobre o rio Vez, em frente da villa dos Arcos de Val de Vez, pertencente á estrada real dos Arcos a Monsão. Esta ponte terá quatro arcos de volta abatida, de 11 metros de vão cada arco, e 6<sup>m</sup>, 60 de largura entre as testas.

**Testamento.**—Está aberto no juizo da Bahia o testamento feito pelo negociante portuguez, alli fallecido, Antonio Vieira Pontes natural de Cellerós, Braga.

A herança é de 600:000\$000 réis.

**Expedição.**—Os jornaes inglezes annunciam que o governo da India projecta organizar, com o consentimento das autoridades chinezas, uma expedição que seria encarregada de estudar a estrada, por terra, de Pekin a Lhassa, no intuito de abrir uma grande via commercial entre a China e o Indostão.

**Canhão.**—O governo inglez mandou construir um canhão muito maior que os que já possui.

O peso da nova peça não será inferior a 200 toneladas, e poderá perfurar a 1:000 metros de distancia uma chapa de ferro de 0'92 metros de grossura.

Para obter um resultado tão surprehente, deve pesar o projectil pelo menos tonelada e meia e ser arremessado por uma carga de 300 a 400 libras de polvora.

Gastará dois annos a sua construcção e será do systema chamado Fraser, adoptado exclusivamente pelo governo inglez.

Consiste em enrolar em redor de uma alma d'aço varios cilindros de ferro forjado, de modo que a peça fica formada de oito ou dez peças ligadas de tal maneira, que podem soffrer muitos disparos sem rebentar.

Depois de gasta a alma d'aço, póde tirar-se-lhe e substitui-la por outra d'um custo relativamente menor.

**Esquadra hollandeza.**—A esquadra hollandeza compõe-se dos seguintes barcos:

Navios a vapor: 4 fragatas de hélice, com 71 canhões; 2 couraçados de torres, com 12 canhões; 4 couraçados com 16 canhões; 12 monitores, com 24 canhões; 17 canhoneiras, com 18 canhões; 1 corveta de transporte; 11 corvetas e 23 galeotas a hélice, com 189 canhões; e 13 vapores de rodas com 54. Navios de vèla tem: 1 bateria fluctuante, 2 fragatas, 1 nau, 2 corvetas, 2 brigues, 6 canhoneiras, (uma couraçada), e 1 galeota para defeza de costas. Estes navios são armados 119 bocas de fogo. Total 115 embarcações com 503 peças.

As equipagens compõem-se de 5:000 marinheiros, 500 milicianos de marinha, 700 marujos indigenas e 2:000 soldados de infantaria naval.

**Fermentores horribes.**—A respeito da explosão de polvora que teve lugar em S. Sebastião e que noticiamos ultimamente, encontra-se os seguintes pormenores:

Foi por volta das duas horas da tarde que a catastrophe se produziu. Havia n'esta fabrica cerca de 3:000 kilogrammas de polvora em caixas, e n'uma especie de reducto, cavado na rocha cincoenta ou sessenta cartuchos Remington em caixas, transportadas alli depois do fim da guerra civil.

No momento da explosão os nove artilheiros estavam no interior da fabrica; e como foram fulminados immediatamente e projectados ao largo com os restos da abobada e das paredes, não se póde saber a que circumstancia attribuir este deploravel accidente. A mais de 100 metros da fabrica foram encontrados fragmentos

de cadaveres meio calcinados e desconhecidos.

O general Goyeneche, o brigadeiro Calvet e as autoridades civis transportaram-se logo ao local do sinistro, seguidos pela multidão; mas foi-lhes impossivel aproximar-se, porque não tendo as cincoenta ou sessenta caixas de cartuchos que estavam no reducto sido projectadas para fora, acabava de se lhes pegar o fogo, e ardiam e rebentavam successivamente, produzindo o effeito d'uma fusilaria violenta e sustentada.

Debalde se tentou suffocar esta explosão com o auxilio de duas bombas d'incendio que recebiam a agua do proprio mar. Augmentando o perigo, a auctoridade militar viu-se obrigada a renunciar a um salvamento inutil e a tomar sómente medidas de prudencia.

As precauções não foram superfluas, porque a distancia de cerca de 40 metros, mas entre duas massas de rochedos, verdade é, existe uma outra fabrica de polvora contendo mais de 300:000 kilogrammas de polvora de canhão. Esta fabrica não é abobadada, e bastaria um fragmento de viga inflammado que penetrasse pelo telhado coberto sómente de telhas, para determinar uma explosão terrivel e cujos effeitos seriam desastrosos.

As caixas de cartuchos crepitaram durante quatro horas, e, ao anoitecer, foi impossivel reconhecer o logar do sinistro.

Na manhã seguinte, os soldados da engenharia começaram os trabalhos de desentulho, encontrando apenas nos escombros pedaços de cadaveres calcinados, ferragens torcidas e montões de cartuchos vãos.

Os officiaes da cidadella creem que a explosão foi causada pela imprudencia d'um dos soldados.

**Festa operaria da Fabrica de vidros da Marinha Grande.**—Não obstante um pouco tardiamente, transcrevemos hoje a descripção desta festa, que vae com vista aos socialistas de todos os matizes:

De particular natureza foi esta festividade, effectuada no domingo 22 d'outubro ultimo. Reuniram-se em tal harmonia os que representavam nella o trabalho, a intelligencia e o capital, tudo animado pelo sentimento tradicional e religioso, que deu a esta funcção caracter mui peculiar e elevado.

Quasi desde a fundação da fabrica de vidros, formaram os operarios uma irmandade sob a invocação de Nossa Senhora das Dores, que escolheram para padroeira d'aquelle estabelecimento, votando-lhe uma festa annual, á custa da irmandade, e mantendo o culto da Virgem na igreja parochial. Esta solemnidade nunca interrompida, é a que se executou agora, com seus accessorios e tradições. Este anno, porém, piedosamente se lhe associou outro fim, o de renderem a classe operaria, os empregados da fabrica, e os accionistas da empresa, graças ao Altissimo e á Virgem pelo restabelecimento da saude do chefe da mesma empresa o sr. visconde da Azarujinha, que tivera ha pouco grave padecimento, em que sua vida perigou. Foi por isso a funcção toda a expensas dos collegas e socios do mesmo sr. visconde, manifestando-lhe assim a estima e consideração que lhe tributam.

Na vespera ao principio da noite chegou á Marinha Grande o sr. visconde, acompanhado por alguns dos seus socios e amigos, entre estes o reverendo sr. Francisco da Silva Figueira, prior da frezia da Ajuda, prégador na festa. Começou logo o festejo, com girandolas de foguetes, musica da filarmonica da fabrica, illuminação na fachada dos grandiosos edificios no vasto atrio da entrada da fabrica, e na praça contigua do mercado.

As luzes de cores artisticamente dispostas nas paredes e janellas, e nas arcos e festões de verdura que ornaram o pateo, reflectiam os raios luminosos na multidão de bandeiras e pendões, que em altos postes fluctuavam á branda viração de uma noite tepida, e como das melhores do estio.

Depois de breve refeição, e tendo chegado dois bellos rapazes, bem vestidos de anjos, foram estes acompanhados pela filarmonica, pelos snrs. empresarios e empregados da fabrica e seus convidados, até á porta da igreja parochial, tambem illuminação; e subindo a dois pulpitos recitaram cadenciosamente as tradicionais lóas, ou versos ao divino, que muitas vezes contêm verdadeira e boa poesia popular e religiosa.

Em seguida arden o fogo preso, collocado proximo ao templo, mui vistoso e variado acompanhado pela musica estacionada n'um coreto, e outro havia para as referidas pessoas. Grande multidão de povo, acudido de todas as povoações vizinhas, assistiu a este espectáculo.

No dia seguinte, á missa resada ministrou o sr. prior da localidade, a sagrada e primeira communhão a cincoenta meninas e cincoenta meninos; todos apropriadamente vestidos para esta sublime cerimonia, uma das mais augustas e das mais transcendentales do catholicismo.

O sr. prior d'Ajuda fez sentir toda a grandeza, excellencias e effeitos da primeira communhão; em curto e singelo improviso, apropriado ás juvenis intelligencias a quem fallava.

As onze horas saíram para a igreja os snrs. empresarios, seus empregados, e alguns dos convidados, precedidos pelos anjos das lóas e mais sete anjinhos; lindas creanças e lindamente vestidas, tendo cada uma d'ellas uma espada, como atravessando-lhe o peito, symbolizando as sete dores da Mãe de Deus; idéa tão simples, tão terna e tocante, e que fazia lembrar aquella oração da Margarida no poema do *Fausto*, maviamente traduzida pelo nosso Castilho.

Oh Virgem dolorosa!  
inclina á desditosa  
o teu benigno olhar!  
Só tu com sete espadas  
no coração cravadas,  
sabes o que é penar;

Tu sim, que viste afflicta  
pender, oh Mãe bendita,  
o filho teu na cruz,  
e alçaste com dois rios,  
aos ceos teus olhos pios,  
chamando em vão Jezus.

Da dôr que me lacera,  
mortal nenhum poderá  
sondar a profundez.  
O que este peito chora,  
treme, receia, implora,  
só tu, Senhora, o vês.

Que dôr, nos sonhos cevo-a:  
corro a fugir-lhe, levo-a:  
que dôr, oh Mãe, que dôr!  
Sosinha a ti me abraço,  
e em pranto me desfaço:  
Mercê! perdão! favor!

Antes que a aurora assome,  
já o mal que me consome  
o somno me quebrou:  
sentada já no leito,  
regando afflicta o peito,  
co' as lagrimas estou.

Oh Virgem dolorosa!  
inclina á desditosa  
o teu benigno olhar.  
Só tu com sete espadas  
no coração cravadas,  
sabes o que é penar!

Ao meio dia começou a missa cantada, a grande instrumental e vozes. O templo que é espaçoso e alegre, tinha boas armações, e a capella-mór e o throno estavam mui vistosos. Subiu ao pulpito o illustre e já bem conhecido orador sagrado, o reverendo prior d'Ajuda. O exordio foi arrebatador e generico, sobre o grande thema da existencia de Deus, sempre novo nas variadas fórmas que o talento sabe dar-lhe. Entrando depois nos assumptos restrictos do sermão, tratou-os com a amenidade e fluencia que costuma. Esta oração vae imprimir-se, por muitos será lida e apreciada, e por isso nada diremos.

Terminada a missa pelas tres horas, saiu a procissão, como de antigo costume, composta de todas as irmandades da terra, dos anjos, do andor de Nossa Senhora das Dores, conduzido aos hombros dos operarios, seguido pelo pallio com o Santissimo Sacramento, e por todas as pessoas distinctas que assistiram á missa, fechando o prestito a filarmonica e um destacamento de caçadores n.º 6, que viera expressamente de Leiria, bem como oito praças da policia civil d'aquella cidade, corpo recentemente organizado.

No grande quadrado ou praça, ajardinada, formada pelas officinas e palacio da fabrica, se levantou uma capella provisoria, armada de sedas, e um pulpito. Foi a sagrada Hostia collocada no altar, e ao lado deste a imagem da Senhora das Dores. A procissão, conservando a mesma ordem, estendeu-se pelas alamedas, e bem

assim a multidão de povo que precedera e acompanhara o prestito. Na varanda e janellas do palacio, ornadas de colchas ricas de seda, estavam as damas convidadas, que assistiram á festa da igreja. Todos descobertos, e no meio de respeitoso silencio, levantou em pleno ar a sonora e potente voz o sr. prior d'Ajuda. Fez uma pratica aos operarios, os quaes e suas familias constituiram em grande parte os ouvintes.

Fallou-lhes do trabalho libertado e ennobrecido por Christo. Deu-lhes saltares conselhos, em relação á familia, á sociedade e á patria. Demonstrou-lhes a harmonia do plano divino, que concilia os interesses dos que trabalham com o suor do seu rosto, dos que operam com a intelligencia, e dos que manejam o capital, sem o qual não seriam realisaveis muitas industrias e emprezas. Prêgou-lhes a paciencia e resignação christãs nas adversidades, a que estão sujeitos tanto os pequenos como os grandes da terra, apontando-lhes os sublimes e divinos exemplos dos soffrimentos do Nosso Salvador, e das dores de Maria Santissima. Discorrendo contra as escolas chamadas por antithese sociaes e filosoficas, e os individuos, que procuram depravar os operarios, arraucando-lhes do coração e da alma a crença de seus paes, e os dulcissimos affectos da familia; soprando-lhes a inveja, o orgulho e os odios de classe, prometendo-lhes felicidades fantasticas, e contra as leis moraes da humanidade; foi na verdade de varonil eloquencia, quando soltou aos ventos a apostrophe «*Multos sejam!*»; que retumbou na praça. O auditorio sentiu-se commovido, o que tambem succedera na igreja.

A procissão, com o mesmo acompanhamento, recolheu ao templo; mas os anjos e os meninos e meninas que haviam commungado pela manhã, volveram ao palacio da fabrica, acompanhados pela filarmonica, sendo-lhes logo dada uma refeição de arroz doce, bolos, fructas, licores, etc.; servidos pelo proprio sr. visconde d'Azarujinha, seus collegas empresarios e alguns dos convidados, entre estes o sr. prior d'Ajuda; que terminado o repasto mais uma vez, a quarta n'este dia, fallou em publico ás creancinhas, aos paes e familias d'ella que concorreram, e a muitas outras pessoas pesentes.

Foi interessante esta pratica, em linguagem chá e popular. Oxalá, que a recordem os tenros ouvintes, e mais ainda seus paes, não esquecendo, mas com pontualidade executando os conselhos, e as advertencias do illustrado sacerdote, que como tal, como parochio ha longos annos, e zeloso na educação moral das classes pobres; conhece onde estão as principaes sédes do mal, infiltrado pela falsa philosophia, no seio das familias e da sociedade.

Finalizou este festival dia, com sumptuoso banquete, offerecido pelo sr. visconde d'Azarujinha aos seus collegas, convidados, empregados, e principaes operarios, no grande salão de jantar do palacio da administração, profusamente adornado com bandeiras, festões de verdura, flores primorosas, e lumes, que reflectindo na multidão dos objectos de crystal que guardavam a mesa, produziam encantador effeito.

Mais de 60 foram os commensaes, e as senhoras nos logares de honra, entre os principaes cavalheiros, faziam realçar as magnificencias do banquete. Ao lado d'esta sala, jantaram n'outra todos os artistas da philarmonica, similhantemente ornada com bandeiras, flores e christaes.

Houve muitos discursos e saudes, a quasi todas as pessoas presentes e a varias ausentes, sendo d'estas as mais notaveis ás ex.<sup>mas</sup> mãe e esposa do sr. visconde d'Azarujinha, e ao sr. conde de Casal Ribeiro; levantada e motivada pelo mesmo sr. visconde, expondo as brilhantes qualidades e talentos d'aquelle illustre estadista, e os grandes serviços que tem prestado á nossa bella patria. Seu irmão, que fora dos convidados, agradeceu este brinde, em resumidas frases, confessando que só a palavra eloquente de tão primoroso orador parlamentar, poderia devidamente corresponder á delicadeza e alta significação de tal brinde.

O jantar acabou cerca das 11 horas, terminando assim este formoso dia, em que tudo correu perfeitamente, embelezado até por sol esplendido, e á noite por amenissimo luar.

Os emprezarios que concorreram á festa foram os snrs. Antonio Correia da Silva Marques, Nuno Paulino de Brito

Freire, e Miguel Antonio Leitão Manso de Lima Falcão; os quaes muito ajudaram e contribuíram para o esplendor da funcção juntamente com o seu chefe, que pela primeira vez fóra pelos operarios eleito juiz da festa.

O snr. visconde d'Azarujinha é realmente homem de valia, cidadão prestante e util á sua patria, como disse do pulpo o prior d'Ajuda; porque sabe fazer bom uso dos dotes e qualidade que Deus lhe concedeu: bens da fortuna, amor ao trabalho, subida intelligencia, e religiosos sentimentos. Não é, como por ahi vemos tantos, um rico ocioso e enervado, que só para si e seus prazeres vive; mas sim um industrial e agricultor estudioso e activo, que augmentando seus capitães, concorre conjunctamente para desenvolver a publica riqueza.

Na segunda-feira, 23, houve um bôdo a 40 pobres e esmolas a dinheiro. N'esse dia os convidados visitaram todas as officinas e dependencias da fabrica, a respeito da qual muito teriamos que dizer. O que hoje, porém, mais atrae a curiosidade do visitante, é o novo forno de fusão a gaz, do mais recente systema; que está concluido e vae brevemente funcionar, podendo produzir importante diminuição no preço da vidraça. Aquelle forno é de elegante construcção, e da mais aperfeçoada nas primeiras fabricas de vidros da Europa.

O snr. Pinheiro Chagas ha pouco tempo examinou a fabrica da Marinha Grande, e a descreveu minuciosamente e primorosamente no «Diario da Manhã» de 9 de setembro ultimo. Disse tudo, e muito melhor do que poderiamos escrever ácerca d'aquelle magnifico estabelecimento.

C. J. Caldeira.

## COSMORAMA

Rua da Misericordia.

Estarão patentes as seguintes vistas:—Revista dada em honra de D. Carlos pelo principe herdeiro da Russia:—Batalha, e incendio das aldeias turcas pelos servios:—Cerco e batalha de Alixinaz pelos mesmos:—O deus Vichou, e as deusas Siva e Kali (divindades indianas).—Parodia á machina fallante, de Mr. Faber.

As vistas serão mudadas de 3 em 3 dias.

A entrada é de 80 reis. Militares sem gradução, 40 reis.

Principia ás 6 da tarde, e termina ás 11 da noite.

## AGRADECIMENTOS

José Maria Pereira, e sua mulher Antonia Augusta da Silva Pereira, agradecem por este meio a todas as pessoas que se dignaram cumprimentar os e assistir ao *Laudate*, que teve logar na capella do Senhor das Ancias, da rua da Boa Vista, pelo passamento de sua innocente filhinha Josefa; protestando a todos, por tão distincto obsequio, sincero reconhecimento e gratidão. (137)

## ANNUNCIOS

### THEATRO

DE

### S. GERALDO

Não se tendo reunido o numero legal dos snrs. accionistas do theatro de S. Geraldo para dar cumprimento ao determinado no art. 6 § 1.º do estatuto: é novamente convocada para domingo 4 do proximo mez de março pelas 12 horas da manhã assembleia geral, para os fins convenientes.

Braga 25 de fevereiro de 1877.

O secretario,

(136) A. P. de Magalhães Junior.

## ALCATRÃO BARBERON

Unico que contém todos os principios balsamicos e aromaticos de Alcatrão de Noruega. Nos fortes calores e nas mudanças de estação, impede que a agua se corrompa: é uma bebida hygienica e preservadora de molestias epidemicas. — Dose: uma colherzinha n'um copo d'agua acrescentada a bebida ordinaria. — Preço 400 reis.

**ALCATRÃO RECONSTITUENTE BARBERON.** Com chlorhydrophosphato de cal. Consumpção, molestias do peito, tísica, anemia, dyspepsia, rachitismo, molestias dos ossos, das mulheres e das crianças. — Preço: 500 reis.

**ELIXIR FERRUGINOSO BARBERON.** Com chlorhydrophosphato de ferro. — Reconstitue o sangue sem causar o estomago. Muito agradável, digestivo e tonico. — Preço: 800 r.

**FOGO BARBERON PARA OS CAVALLOS.** Substitue o ferro candente sem destruir o pelo. Exito infallivel e facil applicação. — Preço: 950 reis.

Depositos: BARBERON & Cia, en Châtillon-sur-Loire (Loiret), França. Em Lisboa, o snr. Barreto, r. do Lorêto, n.º 28—30 (23 ::)

HOGG, Pharmaceutico, 2, rua de Castiglione, Pariz, unico preparador.

## PILULAS DE PEPSINA DE HOGG

Debaixo desta forma especial a pepsina he posta inteiramente ao abrigo do contacto do ar; desta maneira este precioso medicamento nem se altera nem perde as suas propriedades, e a sua efficacia he então certa.

As Pilulas de Hogg são de tres preparações diferentes:

1.º **PILULAS DE HOGG com pepsina pura**, contra as máes digestões, as azias, os vomitos e outras affecções espezias do estomago.

2.º **PILULAS DE HOGG com pepsina unida ao ferro reduzido pelo hydrogenio**, para as affecções do estomago complicadas de fraqueza geral, pobreza de sangue, etc., etc.: são egualmente muito fortificantes.

3.º **PILULAS DE HOGG com pepsina unida ao iodureto de ferro inalteravel**, para as doencas escrofulosas, lymphaticas e syphiliticas, na phthisica, etc.

A Pepsina pela sua união ao ferro e ao iodureto de ferro modifica o que estes dois agentes preciosos tinham de muito excitante sobre o estomago das pessoas nervosas ou irritaveis.

As Pilulas de Hogg vendem-se somente, em frascos triangulares, nas principaes pharmacias. Deposito em Lisboa, o snr. C. G. Barreto — 28 e 30 — Lorêto. (34)

### Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Os snrs. accionistas que estão em atraso de prestações chamadas até a 11.ª inclusivè, são convidados pela ultima vez, a realisal-as, com o juro de 6 0/0 ao anno, até ao dia 10 de março p. l. ficando entendido que aquelles que se não aproveitarem d'esta dilação perdem em beneficio da Companhia as entradas realisadas e os direitos d'accionista, confôrme o artigo 17 dos Estatutos.

Braga 22 de fevereiro de 1877.

Os Directores,

Francisco da Silva Araujo  
José Alves de Moura  
(125) João Carlos Pereira Lobato.

### COMPANHIA GERAL BRACARENSE

O dividendo de 1\$250 reis por acção, relativo ao anno findo, começa a pagar-se no dia 26 do corrente, e continúa em todos os dias não sanctificados, no escriptorio da Companhia, campo de D. Luiz 1.º, desde as 10 horas da manhã á 1 da tarde.

Fóra d'estas horas não se fazem pagamentos.

Braga, 15 de fevereiro de 1877.

Os Directores,

José Ferreira de Magalhães  
(122) Antonio José Pereira Veiga.

### CHAPELARIA BRACARENSE

DE

ALMEIDA MATA

Rua do Souto n.º 44.

Acaba de receber um variado sortimento de chapéos de seda e feltro, dos mais modernos directamente da casa dos snrs. Mata e Silva, Filho & Gonçalves, assim como de todas as melhores fabricas do paiz.

Participa que tem em sua casa um grande sortimento de chapéos da nova fabrica de Henrique & Felgueiras, os quaes vende pelo preço da fabrica, por ser o unico consumidor.

Os preços são mais baratos do que em qualquer outro estabelecimento, tanto por junto como a retalho. (112)



Vende-se uma linda caixa de musica, tocando lindissimas peças, entre as quaes a linda marcha de D. Carlos, a Traviata e a Eliza d'amor.

Rua do Carvalhal n.º 51, casa de Antonio de Lemos Amorim. (133)

**MALA REAL INGLEZA**  
 S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres  
 Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro  
 Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 13 de Março.  
 Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme G. Tuit, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.  
 Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto. (V\*)

**Nos arrabaldes de Braga, vende-se** uma boa quinta com boa casa de moradia, e tambem para caseiro, com accommodações para gado e utensilios para lavoura, bastante arvoredo de fructas, um bom prado e algumas terras avulsas, porém muito perto da casa, tudo sito no logar do Outeiral, da freguezia de Adufe. Paga de fóro setenta reis á Fazenda Nacional. Trata-se de seu ajuste na rua de S. Marcos, n.º 52 em Braga. (131)

### Arrematação

No dia 4 do proximo mez de março pelas 9 horas da manhã, terá logar no hospital da real irmandade de Santa Cruz a arrematação d'alguma roupa, e de varios objectos que estarão presentes no acto da praça.

### VENDE-SE

Um portico de pedra com cunhaes: quem o pertender dirija-se á secretaria do hospital de S. Marcos. (132)

### VENDE-SE

O espaçoso e elegante palacete do campo de S. Thiago, com seus jardins,—quintaes, pomares, é quinta anexa e todas as mais pertenças; para informações em casa de Francisco Martins da Silva Araujo, Cruz de Pedra n.º 7. (98)

## CASA PARA ARRENDAR

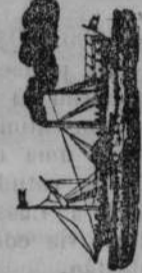
Alluga-se até ao proximo S. Miguel uma morada de casas, sita na rua do Anjo n.º 24. Trata-se na livraria, em frente da mesma casa, e no escriptorio d'esta redacção.

COMPANHIA LLOYD DE BREMEN

PARA

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

O novo e magnifico paquete—HARSBURG—de 3:100 toneladas, a sahir de Lisboa em 5 de Março  
 Tem estes vapores EXCELENTES ACCOMMODAÇÕES para TODAS AS CLASSES. COSINHEIROS E CREADOS PORTUGUEZES, MEDICO E BOTICA GRATIS assim como caminho de ferro até Lisboa.  
 Quesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes nas provincias.  
 Raves & C.ª, rua de S. Francisco n.º 4, 2.º andar—Porto, ou dos seus agentes  
 Agente em Braga  
 Ricardo Malsheiro Dias,  
 No Banco Mercantil, ou largo do Barão de S. Martinho n.º 27.



## INJECCÃO HYGIENICA

BALSAMICO PROPRIETARIO

Esta injeccão é a unica e efficaz que cura em seis ou oito dias toda a qualidade de purgações tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Vende-se em Braga na pharmacia Alvim, á Porta Nova. Em Coimbra, pharmacia Barata Diniz, rua de S. Bartholomeu.

Deposito principal no Porto na pharmacia Madureira, rua do Triunfo n.º 142, proximo ao Palacio de Crystal.

Preço de cada frasco—400 rs. (4449)

## OBELISCOS.

REVISTA MENSAL BRACARENSE

POR

DIAS FREITAS.

Sairá no primeiro de cada mez um volume no formato das publicações d'este genero, contendo 64 paginas.

Como unico reclamo, diremos que estas revistas serão escriptas em portuguez,—idioma, quasi tão conhecido de muitos dos nossos litteratos... d'aldeia, como as linguas polynesicas.

O importe da assignatura—120 reis—será pago no acto da entrega.

Correspondencia dirigida a Dias Freitas, Braga.

J. M. PINHEIRO  
  
 CIRURGIÃO DENTISTA  
 ESCOLA AMERICANA

Consultorio a toda a hora, tanto de dia como de noite Rua do Campo (antiga Porta de S. Francisco) n.º 22. (43)

## AVISO IMPORTANTE

Para os engenheiros, pharmaceuticos, medicos, dentistas, professores e outras pessoas que desejarem obter o diploma de doutor ou de bacharel de uma universidade estrangeira. Dirigir carta registada a Medicus, 13, praça do Rei, Jersey. (Inglaterra.) (31 ::)